

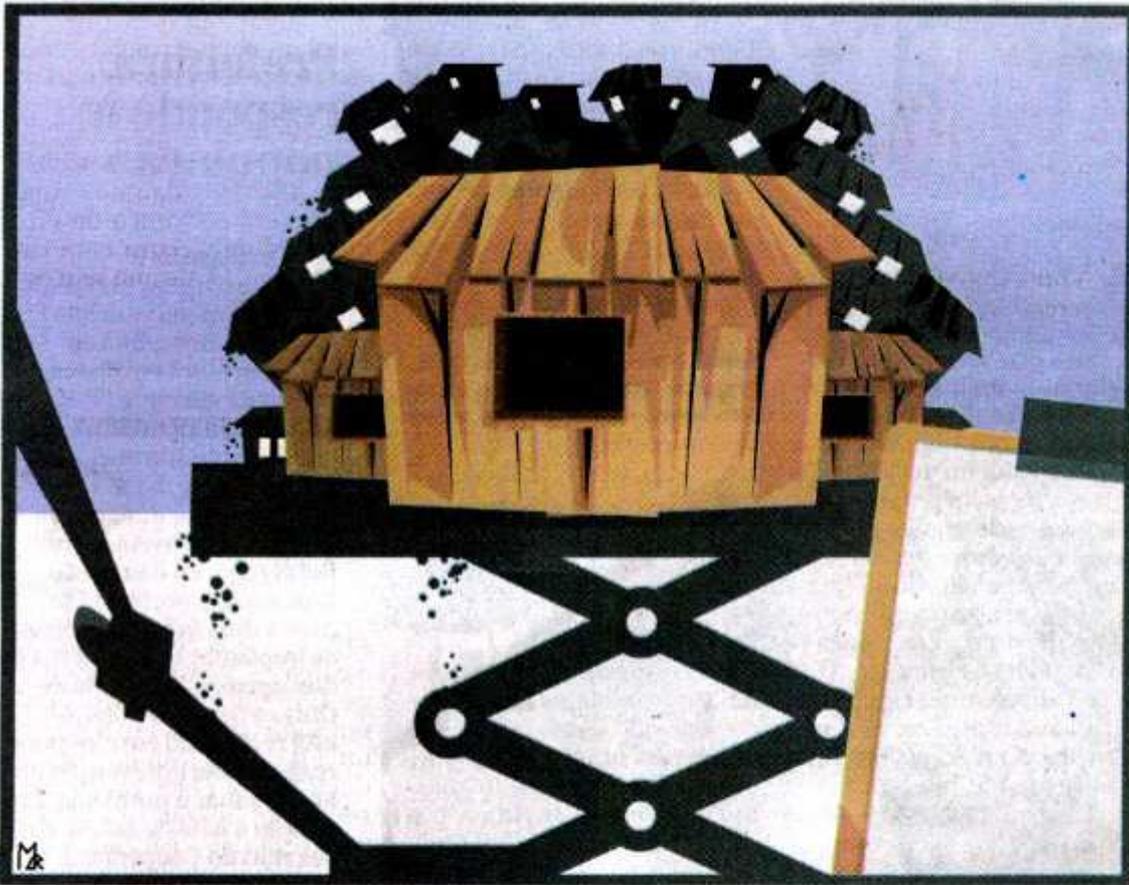
# Pobre vira classe média

SYLVIA  
ROMANO

Para contentar ao governo, provavelmente dentro da sua estratégia política eleitoral, os pobres brasileiros foram galgados à condição de classe média. De acordo com a Fundação Getúlio Vargas (FGV-RJ) e empresas de pesquisa, descobriu-se que quem ganha entre R\$ 1.064,00 e R\$ 4.591,00 — o que passa a representar quase 52% da população atual — pertence à classe média. Existe, sim, uma melhora no padrão de vida do brasileiro, mas elevá-los a tal cate-

goria é um pouco de pretensão. Segundo um jornal carioca, a notícia provocou reação em Vila Kennedy — bairro de 200 mil habitantes, na zona Oeste do Rio —, onde a maioria dos moradores se revoltou, pois tem consciência de que pertence à classe pobre e, não à média, como define este novo estudo.

Não é preciso ser economista para perceber esse engodo. Basta uma conta rápida, envolvendo custos de moradia (aluguel) ou presta-



de cada classe concordo que é arbitrário, é uma simplificação. Porém o tamanho desta classe ou a forma como ela é definida é o menos importante, o mais importante é que está havendo um crescimento dela.”

Pergunto eu, como advogada: Se os limites são arbitrários e, portanto não revelam a realidade, por que foram divulgados e estipulados valores para a divisão das classes sociais? Será que quem definiu essas novas hierarquias nunca levantou e somou os custos dos itens citados acima neste artigo? Pelos novos índices demarcatórios tenho certeza que não, pois qualquer dona de casa das mais simples sabe que, com os valores definidos, classe média ela nunca será. O único muito feliz com este dado mascarado é o próprio governo, pois agora terá um forte argumento para se apoiar, graças aos marqueteiros de plantão, nas suas eternas pretensões eleitoreiras — aliás, a única competência verdadeira que ele tem.

■ Sylvia Romano é advogada trabalhista, responsável pelo Sylvia Romano Consultores Associados, em São Paulo  
E-mail: [sylviaromano@uol.com.br](mailto:sylviaromano@uol.com.br)

ção da casa própria) escola, supermercado, água, luz, gás, telefone, transporte, plano de saúde, remédios, vestuário, os famigerados impostos e outras necessidades básicas, para que qual-

quer responsável por uma família possa perceber a mentira desta conclusão sobre o que vem a ser a classe média. Isso sem levar em conta prestações de bens necessários, carro popular, ca-

nais de televisão a cabo, um pouco de lazer e os extras que sempre aparecem.

O próprio responsável pela pesquisa, o economista Marcelo Nery, declarou: “O limite que define as faixas